

Webdiáspora: Migrações, TICs e memória coletiva

Webdiaspora: Migration, ICTs and collective memory

Mohammed ElHajji¹ / Camila Escudero²

Resumo: *A webdiáspora contribui necessariamente na produção de marcas e rastros existenciais individuais e coletivos no plano subjetivo e simbólico. A pergunta que se coloca, todavia, é se tal configuração cognitiva, de natureza abertamente 'a-espacial', constitui uma forma diferenciada de suporte à tradicional 'memória coletiva' proposta por Maurice Halbwachs. A partir de uma reflexão teórica que engloba também os conceitos de 'espaço nostálgico', de Abdelmalek Sayad, e de 'transnacionalismo', explorada por diversos autores, entendemos que, ainda que não possa se substituir à 'memória coletiva espacial' ou se sobrepor ao 'espaço social', a webdiáspora não deixa de oferecer preciosos subsídios mnemônicos e interativos para as comunidades de imigrantes que se encontram no exílio.*

Palavra chave: *Webdiáspora. Memória. Espaço. Transnacionalismo. Identidade.*

Abstract: *The webdiaspora contributes to the production of brands and individual and collective existential traces in the subjective and symbolic level. The question that arises, however, is whether such cognitive configuration, nature openly 'a-space', is a different form of support to traditional 'collective memory' proposed by Maurice Halbwachs. From a theoretical reflection which also includes the concepts of 'nostalgic space', by Abdelmalek Sayad, and 'transnationalism', explored by several authors, we understand that, although it can not replace the 'spatial collective memory' or overlap the 'social space', the webdiaspora not cease to offer precious mnemonics and interactive subsidies to communities of immigrants who are in exile.*

Keywords: *Webdiaspora. Memory. Space. Transnationalism. Identity.*

Introdução

A análise empírica mais primária não deixa dúvida quanto à presença expressiva, na web, de comunidades diaspóricas de caráter étnico, cultural, nacional e/ou confessional. São inúmeros sites, blogs, revistas eletrônicas, grupos, comunidades e páginas nas redes sociais, elaborados, mantidos e frequentados, exclusiva ou predominantemente, por membros dessas comunidades. A esta presença maciça nos referimos, conforme explicado mais adiante, como 'webdiáspora' – na sua totalidade ou 'webdiásporas específicas' – quando se trata da presença de grupos determinados.

O fenômeno se deve a fatores de ordem tanto tecnológica – a própria natureza plural, aberta e transnacional da Internet – como civilizacional, dentro do contexto específico de cidadania

comunicativa, proposto por Denise Cogo (2012), que remete aos usos que redes e organizações migratórias fazem das mídias para compor dinâmicas de mobilização relacionadas às cidadanias intercultural e universal das migrações.

Assim, a temática fundamentalmente comunitária da webdiáspora pode ser tanto cultural e identitária como social e política, voltada para as origens do grupo, concentrada na sua integração na sociedade de acolhimento ou assumidamente transnacional e multiterritorial. Seus usos, plurais e diversificados, abrangem um amplo leque de recursos e utilidades. Dentre eles, as funções telecomunicativas com patrícios e familiares no país de origem e/ou imigrados em outras regiões do globo, a informação noticiosa da terra e povo de origem, e a manutenção dos laços culturais com a comunidade ancestral – notadamente através do consumo artístico e cultural midiaticado. Paralelamente, possibilitam a aquisição de informações locais, cruciais para os trâmites administrativos e a decodificação das regras normativas da sociedade de destino, permitem a mobilização social e política local e global, e incentivam a aquisição de um sentimento de pertencimento e cidadania ao mesmo tempo local, transnacional e global.

A web vem sendo, assim, utilizada como um espaço de reordenamento de experiências e práticas sociais e subjetivas dos imigrantes e comunidades diaspóricas. Com a valoração social, econômica e política das TICs e a sua entronização enquanto princípio organizador da contemporaneidade, as relações sociais e de produção são, cada vez mais, regidas por instâncias desprovidas da dimensão material espacial e inscritas na temporalidade vácuca de uma difusão instantânea (Virilio, 1991).

No que diz respeito à problemática aqui proposta, não se trata de negar a possibilidade de produção de marcas e rastros existenciais tanto individuais como coletivos no plano virtual. Mas, há de se perguntar se a nova configuração cognitiva, de natureza abertamente ‘a-espacial’, constitui uma forma diferenciada de suporte à tradicional ‘memória coletiva’ proposta por Maurice Halbwachs (1877-1945) e se está se estabelecendo alguma modalidade de sociabilidade que prescindir da memória coletiva no seu sentido mais difundido.

Além de uma reflexão teórica com base na noção de ‘memória coletiva’ do próprio Maurice Halbwachs (2006), aliada aos conceitos de ‘espaço nostálgico’ desenvolvido por Abdelmalek Sayad (1998a; 1998b) e de ‘transnacionalismo’, explorado por diversos autores,

propomos uma breve análise de algumas páginas virtuais que compõem a chamada ‘webdiáspora.br’, ou seja, sites, fóruns, blogs, páginas do Facebook etc. de grupos diaspóricos estabelecidos no Brasil.

A memória espacial

À medida que se distanciam os acontecimentos, temos o hábito de recordá-los sob a forma de conjuntos, sobre o quais às vezes se destacam alguns dentre eles, que abrangem muitos outros elementos – sem que possamos distinguir um do outro nem jamais enumerá-los por completo (HALBAWACHS, 2006, p.92).

É sob essa perspectiva subjetiva que Maurice Halbwachs estrutura todo seu conceito de memória coletiva no seu clássico do mesmo nome. A partir da exploração de noções como ‘história’, ‘lembrança’ e ‘consciência’, o autor discorre sobre diversos tipos e configurações da memória; destacando seu caráter social e natureza dinâmica que asseguram a continuidade psíquica e consciência de si do grupo, incorporada e refletida em cada um de seus membros.

Três pontos, em particular, chamam a atenção nas teses de Halbwachs: 1) toda memória é coletiva ou, considerando a pluralidade de memórias individuais que podem integrar a memória coletiva, a memória individual não passa de uma perspectiva singular e específica sobre a memória coletiva; 2) toda memória é do presente e não do passado; ou seja, toda memória é uma representação do passado que depende do presente, do momento e contexto da relebrança do evento ou fato; e 3) toda memória é espacial; o que significa que é no espaço ocupado e/ou atravessado que nossa imaginação ou nosso pensamento são suscetíveis de reconstruir a nossa memória e é nele que nosso pensamento se fixa para que uma dada categoria de lembranças reapareça e tome forma.

Segundo o autor, toda memória é apoiada em história vivida, na medida em que não são apenas os fatos, mas os modos de ser e de pensar de outrora que se fixam na memória individual / coletiva. Se por um lado, as lembranças do indivíduo se situam no âmbito de sua personalidade ou de sua vida pessoal, por outro lado, em certos momentos, ele é capaz de se comportar como simples componente mnemônico do grupo, que contribui para evocar e manter as lembranças coletivas vivas na proporção de sua pertinência para a continuidade da identidade coletiva da comunidade que ele integra.

Para ele, a memória coletiva “evolui segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (2006, p.71-72). O autor sugere, ainda, que o sujeito social está sempre mergulhado, simultânea ou sucessivamente, em muitos grupos e que cada um desses grupos se divide e se contrai no espaço, segundo as variáveis sociais e existenciais que o subtendem. Assim, várias memórias coletivas concomitantes podem se formar e continuar vivas, na medida em que se justifica a sua importância para o grupo que a originou e em função da duração e sobrevivência deste.

Quando se fala em memória do grupo, entretanto, isto não implica na presença material de seus membros, mas na carga afetiva que emana da identificação do sujeito ao grupo. Halbwachs (2006, p.146) sustenta, a este propósito, que “basta que eu carregue comigo em meu espírito tudo o que me permite estar à altura de meu postar no ponto de vista de seus membros, de me envolver em seu ambiente e em seu próprio tempo, e me sentir no coração do grupo”.

É nesse mesmo sentido que se deve entender a afirmação de Halbwachs de que toda memória, ao contrário do que é comum se pensar, é do presente e não do passado. É no momento em que relembra, examina ou narra seu passado, que o indivíduo e o grupo através dele tomam consciência de sua identidade e a ordenam narrativamente. O próprio tempo desdobrado no processo de narração e reconstrução da memória é um tempo representado, disposto e organizado conforme os hábitos e práticas sociais do grupo naquele contexto histórico.

Assim, o tempo só importa na medida em que permite reter e lembrar os acontecimentos ocorridos e vividos pelo grupo. Parece que “a memória coletiva tem de esperar que os grupos antigos desapareçam, que seus pensamentos e sua memória tenham desvanecido, para que se

preocupe em fixar a imagem e a ordem de sucessão de fatos que agora só ela é capaz de conservar” (HALBAWACHS, 2006, p.133). O que não quer dizer que haja um tempo social único e universal; já que, apesar de sua origem comum, ele toma significados e sentidos diferentes a partir da perspectiva social do grupo e sua ancoragem no tempo presente de sua narração e rememoração.

Contudo, é o terceiro item destacado por Halbwachs, relativo à sua premissa quanto ao substrato espacial de toda memória que ocupa o ponto central de nossa análise; uma vez que o deslocamento (real e/ou imaginário) no espaço (físico e/ou simbólico) e a produção de territorialidades e espacialidades diferenciadas constituem o alicerce do fenômeno migratório – quadro geral da questão webdiáspórica, principal objeto de estudo do presente artigo.

Halbwachs explica, nesse sentido, que as imagens habituais do mundo externo, o continuum espacial no qual vivemos, são elementos constitutivos de nossa identidade pessoal e coletiva. As comunidades são, de fato, organicamente ligadas a um lugar espacialmente determinado que permite a seus membros estabelecer os elos sociais e subjetivos que os unem e lhes proporciona o molde material e suporte físico para a representação de seu passado.

Para o autor, se as lembranças se conservam no pensamento do grupo é porque este permanece arraigado no solo, cuja imagem perdura materialmente fora dele e continua acessível a todo momento. “O local recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos” (HALBAWACHS, 2006, p.159-160).

Deste modo, o espaço se apresenta como a dura realidade que permanece, na qual e a partir da qual a memória coletiva surge e toma forma, e o grupo secreta seus hábitos e costumes e se afirma enquanto entidade social diferenciada. Quando um grupo humano vive muito tempo em um lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores.

Perspectiva semelhante é adotada por Marc Breviglieri (2010), quando se refere a Paul Ricœur (2000) para sublinhar que as lembranças produzidas no contexto migratório são intrinsecamente associadas a lugares e itinerários; uma vez que a transição da ‘memória corporal’ (individual) para a ‘memória dos lugares’ (individual / coletiva) passa pelo espaço de deslocamento e os lugares habitados e investidos de subjetividade por parte do imigrante e sua comunidade

diaspórica. No seu trabalho de produção de narrativas identitárias comunitárias, a memória ordena a história do indivíduo e do grupo na forma de um percurso espacial, a partir do qual as rupturas são emendadas, os acidentes de percurso explicados e as contradições e dúvidas apaziguadas.

Tempo-espaço narrativo que, antes de se esgotar na realidade física, reflete a visão de mundo do grupo e corresponde a seus modos de produção de sua subjetividade e suas instâncias coletivas de enunciação de seus projetos sociais e identitários. Assim, se toda concepção do espaço é, necessariamente, tributária das práticas sociais e das estruturas simbólicas do grupo, há de se perguntar sobre o sentido dado à instância espacial no âmbito específico da experiência migratória, suas funções e seu valor subjetivo e existencial.

Segundo Lutz Raphaël (2006), por exemplo, o fato migratório muda a própria natureza do espaço social ao rasgar o horizonte geográfico / psíquico do imigrante. Ele sustenta, em sua análise da obra de Abdelmalek Sayad, que ao ser confrontado ao fato migratório, o espaço social perde sua concepção conservadora que naturaliza as limitações físicas, geográficas e administrativas originais. Frequentemente, segundo o mesmo autor, o fato migratório funciona como um catalisador de tensões e rupturas já existentes ou latentes na dinâmica social contemporânea, mas exacerbadas pelos deslocamentos de sentido decorrente do fenômeno migratório.

O rasgo em questão pode carregar um forte teor político de resistência à ordem social e econômica imposta pelo sistema vigente, uma recusa da injustiça e da desigualdade nacionais e internacionais e um ato de revolta contra a própria ideia de Estado-nação, fronteiras políticas, pertencimentos de caráter mais administrativo de que subjetivo e todas as estratégias de confinamento e controle do sujeito contemporâneo. Porém, há de admitir a validade da preocupação de Raphaël ao questionar se, em vez da produção de um novo 'espaço social' – na acepção dada a este conceito por Bourdieu (1984), o deslocamento de sentido referido não equivaleria àquilo que Sayad (1998a e 1998b) chama de 'espaço nostálgico', em consequência da 'dupla ausência' do imigrante e da 'desrealização' do seu espaço social?

Por 'espaço nostálgico', Sayad (1998a) entende um lugar aberto a todas as nostalgias[1], carregado de emoção e afetividade; ao contrário do 'espaço social' que representaria um espaço contínuo, um conjunto de lugares indiferentes e intercambiáveis entre os quais podemos ir e vir física e mentalmente. "Se existe uma nostalgia presa no espaço, e se o espaço é em seu foro íntimo,

um lugar de nostalgia, tal e como o experimentamos em todos os deslocamentos que realizamos, é porque é um espaço vivo, um espaço concreto qualitativa, emocional e passionadamente falando” (SAYAD, 1998a, p.16-17[2]).

Ir e vir; ir - ficar - retornar é, de acordo com Sayad, Breviglieri, Raphaël e outros, o tripé que sustenta toda a experiência existencial do migrante. Assim, para Sayad (1998a), a noção de retorno é, na verdade, uma “volta em si”, uma “volta ao tempo anterior da imigração”:

Pode-se voltar sempre ao ponto de partida, porque o espaço permite perfeitamente as idas e voltas, porém, não se pode nunca voltar ao tempo da partida, voltar a ser tal como éramos no momento da partida, nem, tão pouco, reencontrar, como desejamos, os lugares (espaços) e as pessoas (SAYAD, 1998a, p.16).

Breviglieri (2010) vai mais longe ainda ao defender a impossibilidade fenomenológica da volta. Impossibilidade de retorno não apenas porque a terra de origem foi sublimada e extraída da esfera do real ou por motivos psicossociológicos – quando se usa do ritornelo do retorno para desviar a própria atenção das dificuldades do cotidiano e justificar-se a aceitação do sofrimento e da humilhação. Mas, antes, porque o ‘lugar’ de onde se veio não existe mais, no sentido da inseparabilidade do tempo e do espaço; já que o próprio espaço material não deixa de se mover no tempo físico. O lugar de origem não seria mais o lugar que se deixou no momento da migração, porque este lugar se moveu no tempo e não é mais o lugar que continua presente na memória e nas lembranças. O ‘lá’ de ontem não é o ‘lá’ de hoje, da mesma maneira que o ‘hoje’ daqui não é o mesmo que ‘hoje’ de lá.

O destino do imigrante parece ser, assim, a própria migração, errância e desenraizamento, “Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso” (Kristeva, 1994, p.15). O espaço do estrangeiro, segundo esta especialista de todos os desenraizamentos, “é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais” (KRISTEVA, 1994, p.15).

Os territórios da imigração

O espaço migratório não pode, portanto, ser reduzido à sua dimensão física tradicional,

estática ou veicular; político-administrativa, fundada na arbitrariedade das fronteiras e da autoridade burocrática; ou, menos, ainda, à equivalência unívoca entre os registros geográficos e identitários. O espaço migratório se destaca, antes, pela multiplicidade dos modos de sua ‘produção’ social e simbólica (LEFEVBRE, 1974) e a natureza intrinsecamente multiterritorial tanto da sociabilidade como da subjetividade do imigrante. O homem é um animal de territórios (BAREL, 1986, p.135).

Territórios que podem ser tanto reais e materiais como também ou apenas subjetivos, imaginários e existenciais (Cf. GUATTARI, 1992), produzidos a partir dos processos e dispositivos de enunciação da identidade coletiva do grupo ou comunidade. Barel (1986) insiste, ainda, que todo território social é, na sua essência, um fenômeno imaginário, imaterial e simbólico; e que todo elemento componente desse território – seja ele físico ou biológico, deve necessariamente passar por um minucioso processo de simbolização, para poder integrá-lo.

Inversamente, os deslocamentos físicos, sociais, culturais e subjetivos do imigrante o impõem a aderir mental e corporalmente a uma multiplicidade de lugares e territórios, mergulhar sensível e inteligivelmente em suas realidades, traduzi-las e se deixar por elas envolver e traduzir. Entre trajetões e trajetórias, na diversidade e na adversidade, o sujeito migrante é levado a ressignificar as referências materiais e simbólicas que o interpelam para poder projetar narrativamente as espacialidades que o contêm e costurar mnemonicamente as territorialidades que o atravessam.

Essa multiterritorialidade constitutiva do espaço migratório se manifesta a todos os níveis da vida do imigrante; desde sua rotina diária e sua atuação imediata no seu entorno social até a sua visão de mundo e seus engajamentos e investimentos existenciais mais amplos. Que seja no plano social, cultural, político ou subjetivo, as suas coordenadas são inevitavelmente plurais; muitas vezes embaralhando o ‘aqui e agora’ com o ‘alhores e outras temporalidades’. Para Haesbaert (2007, p.39-40), “trata-se de uma multiterritorialidade envolvida nos diferentes graus daquilo que poderíamos denominar como sendo a conectividade e/ou vulnerabilidade informacional (ou virtual) dos territórios”.

Verdadeiramente é um “espaço social” (Cf. BOURDIEU, 1984), cuja estrutura, forma e configuração refletem a dinâmica das relações sociais e simbólicas tecidas pelos imigrantes –

indivíduos e comunidades, no seu percurso; interligando seu lugar de destino, sua terra de origem e os territórios de transição ou investidos de sua subjetividade. O que significa, em primeiro lugar, que a cartografia deste espaço não corresponde fielmente a um determinado “espaço social nacional”, nem pode se restringir a seus recortes estatais nacionais conhecidos e/ou suas instâncias político-administrativamente reconhecidas.

Daí a forte crítica ao “nacionalismo metodológico”, embebido de princípios filosóficos moderno-ocidentais de obediência jacobina e eurocêntrica e métodos normativos socio-administrativos de gestão humana e territorial que reduzem as noções de povo e nação à sua representação estatística e documental. O método não apenas impede de vislumbrar outras formas e possibilidades de pertencimento, identificação e ação dentro do espaço migratório e na condição de migrante, como também evacua toda a dimensão política de dominação, opressão e exploração que rege a maior parte das relações entre países, classes sociais e indivíduos.

A denúncia seminal de Sayad (1998b) a propósito da focalização das análises sociológicas em torno da Imigração e não Emigração revelou aspectos de ordem política, econômica e social, até então ignorados, da problemática. O autor (1998b) lembra, em particular, que, para haver Imigração, é necessário que haja Emigração e que, antes de ser Imigrante, o sujeito deslocado é Emigrante. Antes de chegar ao país de destino, ele teve primeiro de deixar sua terra natal, sua família e os projetos sociais e existenciais lá sonhados e idealizados. O excesso, soberania e prepotência de um lado não podem ser dissociados da carência, debilidade e dependência do outro – as duas facetas da mesma realidade histórica, engrenagem econômica e fenômeno social.

Esse vício ideológico e lacuna epistemológica são apontados, na obra de Sayad (1998b), a partir da noção de ‘dupla ausência’, decorrente das dificuldades do imigrante em atuar social e politicamente tanto no país de origem como no país de destino; fisicamente afastado num e social e politicamente alijado no outro. Cesura inicialmente provisória ou justificada como tal que, logo, se descobre douradura ou definitiva e acaba subvertendo os modos de produção de subjetividade do migrante e solapando seus desenhos sociais e existenciais.

São [...] as comunidades de origem [...] que fingem em considerar seus imigrantes como simples ausentes [...]. É a sociedade de imigração que, embora tenha definido para o trabalhador imigrante um estatuto que o instala na provisoriedade enquanto estrangeiro [...] e que, assim, nega-

lhe todo o direito de uma presença reconhecida como permanente. (SAYAD, 1998b, p.46).

Dupla ausência que pode ser entendida, no contexto do presente estudo, no sentido de um duplo esquecimento, de ordem tanto social e política como subjetiva e afetiva – receio de esquecimento / perda de lá (terra de origem) e dificuldade de enraizamento / construção de uma memória coesa e positiva aqui (terra de destino). O que explica a centralidade da questão da memória no trajeto e condição migrante, sua relação também dupla com o espaço social e as territorialidades que lhe são associadas, e a importância dos investimentos sociais e econômicos dos imigrantes nos dispositivos simbólicos e tecnológicos de manutenção ou produção dessa memória.

Se, como vimos anteriormente, a memória não pode prescindir de seu substrato espacial, tampouco a espacialidade pode sobreviver à perda ou dificuldade de construção de uma memória local. Fato que Sayad (1998b) expressa através de sua noção de ‘desrealização do espaço social’, sua conversão compulsória em ‘espaço nostálgico’ (1998a) e a condenação do migrante à errância subjetiva e o desenraizamento identitário.

As críticas ao nacionalismo metodológico não são, todavia, unânimes quanto à noção de ‘dupla ausência’, ‘desrealização do espaço social’ ou algum tipo de déficit de memória coletiva. As pesquisas mais recentes, apoiadas na teoria da globalização, no avanço das tecnologias de comunicação e na popularização dos meios de transporte internacional, reinterpretam a realidade multiterritorial da sociabilidade e subjetividade migrantes enquanto ‘dupla presença’, marcada pelo excesso de registros mnemônicos e pela comunicação total, contínua e ‘em tempo real’ que otimizam as possibilidades de atuação dos migrantes e suas comunidades diaspóricas nos planos sociais, políticos e subjetivos, tanto no país de origem como o de destino (Cf. DIMINESCU, 2010).

O principal corpo teórico que alimenta essas teses gira em torno dos conceitos de transnacionalismo e sociedade em rede que descrevem

...a condição na qual, apesar de grandes distâncias e não obstante a presença de fronteiras internacionais (...), certos tipos de relacionamentos foram globalmente intensificados e agora têm lugar, paradoxalmente, em um planeta que ainda abrange uma arena de atividade comum, entretanto virtual (VERTOVEC, 1999, p.01).

Para Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992), a noção de transnacionalismo se faz necessária para identificar os fenômenos sociais, políticos e subjetivos relacionados às experiências comunicativas de uma categoria específica da população mundial. Trata-se do conjunto de processos pelos quais os imigrantes constroem campos sociais que interligam os países de origem e de acolhida, desenvolvem e mantêm uma multiplicidade de relações sociais e simbólicas que veiculam sentimentos, decisões, ações e modos de enunciação de sua identidade coletiva dentro de uma rede que conecta duas ou mais sociedades simultaneamente.

O espaço transnacional possibilita que o imigrante use suas relações sociais e suas múltiplas identidades geradas a partir de posições simultâneas em diversos espaços, ao mesmo tempo para se acomodar ou enfrentar as vicissitudes da imigração e as dificuldades do lugar de sua vivência e atuação. Assim, os atuais imigrantes “se engajam em complexas atividades através das fronteiras nacionais que criam, formam e potencializam identidades, transformando-as em caminhos para explorar seu desenvolvimento de acordo com seu papel no espaço” (SCHILLER; BASCH; BLANC-SZANTON, 1992, p.4). Por nossa parte, conforme já desenvolvido em estudos anteriores, acreditamos que a ideia de transnacionalismo deve ser examinada à luz das recentes transformações históricas responsáveis pela reconfiguração do conjunto das paisagens sociopolíticas da nossa época. Nossa definição do conceito remete aos modos de organização e ação das comunidades humanas inseridas em mais de um quadro social nacional estatal, tendo referenciais culturais, territoriais e/ou linguísticos originais comuns, e conectadas através de redes sociais transnacionais que garantem algum grau de solidariedade ou identificação além das fronteiras formais de seus respectivos países de destino.

A característica mais importante desse quadro acima descrito é, todavia, a centralidade dos processos e tecnologias de comunicação na sua ordenação; efetivando modalidades culturais e modos de enunciação identitários propriamente transnacionais. Pois, se a relativa lentidão das comunicações de épocas anteriores permitia a reelaboração dos códigos componentes da identidade diaspórica no ambiente local e a sua conseqüente progressiva integração ou até assimilação, hoje, à medida que se configure uma nova esfera midiática transnacional, se torna mais difícil a desvinculação do universo simbólico de origem ou o afastamento das comunidades irmãs espalhadas pelo mundo.

Com o barateamento e a popularização das tecnologias de comunicação e, ao mesmo tempo a sua sofisticação, ampliação de seu campo de ação, aumento de sua acessibilidade, banalização de seu manuseio e sua definitiva universalização, se pode notar que a maioria das comunidades diaspóricas espalhadas pelo mundo dispõem de um impressionante arsenal de meios de comunicação comunitária – tanto local como transnacional. Conseqüentemente, ainda que não seja regra absoluta, as composições identitárias diaspóricas tendem a se reformular e se afirmar cada vez mais numa perspectiva propriamente transnacional; no sentido que é o referencial extra-estatal (remetente ao território e/ou cultura de origem) que serve como argumento narrativo de sua memória coletiva e catalisador semântico simbólico para a ativação dos discursos de reconhecimento, identificação e diferenciação dessas comunidades.

As diásporas e a sua web

Se, originalmente, a noção de ‘diáspora’ remetia à ‘dispersão dos judeus ao longo dos séculos’, hoje, seu uso é admitido para traduzir a realidade social, cultural e política de “qualquer pessoa ou população étnica que abandona a pátria tradicional da sua etnia, estando dispersa por outras partes do mundo (OIM, 2009, p.18)”. No entanto, além da pertinência lexical do termo, é preciso identificar a complexidade conceitual que o move quando é conjugado ao contexto global atual.

Stuart Hall (2003, p.33), por exemplo, afirma que o conceito de diáspora “está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora”. Porém, as configurações sincretizadas da identidade cultural requerem a noção derridiana de *différance*. E a diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura.

Já Steven Vertovec observa que o conceito de diáspora tem sido amplamente interpretado por observadores atuais a partir da incorporação de uma variedade de condições históricas e contemporâneas, características de quaisquer trajetórias e/ou experiências. Segundo o autor (1999, p.02), uma das marcas da diáspora como uma forma social é a ‘relação triádica’ entre: (a) coletivos ainda que dispersos globalmente auto-identificados como grupos étnicos, (b) os estados territoriais e os contextos em que tais grupos residem, e (c) a pátria e o contexto de onde eles ou seus antepassados vieram.

Coincidindo com o aumento do poder da Internet, no fim dos anos 1990, a questão da diáspora desencadeou o desenvolvimento de uma ampla literatura cada vez mais voltada para as relações tecidas pelas comunidades de imigrantes através das TICs. O que vai acabar configurando, ao longo da década, o conceito de ‘*webdiáspora*’ enquanto espaço de reordenamento das experiências e práticas subjetivas dos imigrantes transnacionais.

Mattelart (2009) sublinha, neste sentido, que blogs, fóruns, páginas de Facebook, sites, Twitter e outros formatos do gênero são contemplados pelo conceito, desde que sejam concebidos e elaborados a partir da iniciativa migratória, considerem as atividades de seus membros, leitores ou simpatizantes e que sua finalidade seja a interação, não só entre os espaços referentes aos países de origem e de acolhida, mas de sujeitos e narrativas, numa constante troca virtual que só a Internet é capaz de propiciar.

O fenômeno, segundo Claire Scopsi (2009, p.86), já era detectável desde os anos 90, quando a noção de ‘*digital diaspora*’ podia ser encontrada em trabalhos em inglês que destacavam a realidade dos ‘imigrantes conectados’. Com o passar do tempo e a disseminação e evolução das TICs, em especial a Internet, outros conceitos e termos foram surgindo para abordar o assunto da presença e atuação dos imigrantes na rede mundial.

Hoje, aceita-se como sinônimos de *'webdiáspora'*, noções como *'e-diáspora'*, *'web diaspórica'*, *'diáspora networks'*, *'diáspora digital'*, entre outras. Entretanto, pondera a mesma autora (2009, p.91), “a publicação de sites por membros de uma comunidade transnacional não pode ser vista como um critério único de classificação de *webdiáspora*, sob pena de ter que considerar qualquer site que envolva comunidades de imigrantes como tal. Critérios de coesão e reivindicação identitária nos ajudam a sair desse ciclo vicioso”.

Para Angeliki Koukoutsaki Monnier (2012, p.270-271), a própria concepção de diáspora, muitas vezes fluída e controversa, influencia na complexidade dos debates em torno da noção de *webdiáspora*. A *'web diasporique'*, segundo ela, envolve sites produzidos por comunidades transnacionais a partir de um dos locais de dispersão, organizados por um ou mais elementos culturais compartilhados (língua, religião, etnia), voltados explicitamente para os membros da comunidade dispersa em todo o mundo pela migração.

Uma perspectiva parecida é adotada por Diminescu (2012) na apresentação da plataforma colaborativa *'e-Diasporas'* (www.e-diasporas.fr) que ela coordena. *Webdiáspora* (que ela denomina de *e-diaspora*) é o modo pelo qual um grupo de imigrantes organiza suas atividades através e na web. Tratar-se-ia, portanto, de um coletivo disperso ou uma entidade heterogênea, cuja existência é baseada na elaboração de um objetivo comum – ainda que não seja definitivo e definido, mas sim constantemente renegociado à medida que o coletivo evolui.

A *webdiáspora* seria, segundo essa definição, uma forma midiática instável por ser redesenhada por cada novo participante, autodefinida não pela inclusão ou exclusão de novos membros, mas pelo processo voluntário de indivíduos que se juntam ao coletivo ou a deixam. O ponto chave para se considerar um fenômeno *e-diáspórico* ou *webdiaspórico*, de acordo com Diminescu, é este ser um espaço virtual de migrantes, criado ou gerenciado por migrantes ou em parceria com eles.

Em termos práticos, se pode definir a *webdiáspora* a partir da reapropriação das TICs pelos imigrantes e os usos sociais e subjetivos delas decorrentes. Ao recorrer à *webdiáspora*, a comunidade transplantada consegue tecer e reforçar suas redes sociais, econômicas, políticas e culturais transnacionais; sem, todavia, deixar de edificar um espaço simbólico que reproduz ou simula o estar-junto na *'pátria'* de origem. Sendo o problema, justamente, toda a complexidade

deste ‘estar-junto em pátria’ que prescinde da dimensão espacial – em princípio constitutiva de toda memória coletiva e todo projeto comunitário de ordem étnico-cultural, como tivemos a oportunidade de discutir em estudos anteriores (ELHAJJI, 2007).

De fato, não há como ignorar a contribuição e o papel da webdiáspora na produção de certa ‘memória coletiva’ desses grupos diaspóricos – conforme pudemos constatar em nossa pesquisa acerca da questão da memória coletiva, sua relação com o espaço e as consequências de sua imersão no ciberespaço para a apreensão e o possível entendimento do funcionamento dos mecanismos identitários na atualidade[3]. A dificuldade reside, antes, em entender e definir claramente a natureza dessa memória e seu papel na elaboração da identidade étnica, cultural ou nacional dos respectivos grupos.

Todavia, mesmo sem poder avaliar de modo exato o impacto de tais registros mnemônicos na organização, mobilização e perenização das comunidades diaspóricas, fica evidente seu papel instrumental relativo à disponibilização de narrativas e discursos ‘genealógicos’ que ligam o presente da comunidade ao seu passado real ou mítico (judeus, africanos e coreanos).

Outro argumento recorrente por parte de algumas comunidades é o esforço de destacar a importância de sua cultura de origem, que seja através da música ou culinária, na formação da própria identidade nacional brasileira (portugueses e africanos).

Nesse jogo de formulação de um quadro identitário que concilie as origens e o pertencimento presente, certas comunidades (italianos principalmente) tentam dar mais ênfase à vida política, cultural e social da terra de origem de que a da sociedade na qual vivem atualmente.

Outras (alemã e espanhola), todavia, focam a sua estratégia no ‘resgate’ da identidade e cultural de origem através de práticas vivas e festivas como a organização de encontros em torno da culinária e música do país de origem. Porém, há de sublinhar que a única comunidade a se definir em termos hifenizados é a alemã, que se identifica como teuto-brasileira e fala em “resgate da cultura teuto-brasileira”.

Enfim, as comunidades latinas (boliviana, peruana e argentina), sem deixar de enunciar narrativas de ordem identitária e cultural, se distinguem por suas preocupações de ordem mais prática, como os trâmites administrativos, o direito ao voto, questões bancárias etc..

Podemos concluir, a partir dos exemplos aqui rapidamente descritos, que a webdiáspora oferece preciosos subsídios mnemônicos para as comunidades de imigrantes que se encontram no exílio. Principalmente, ao organizar e tornar acessíveis registros informacionais relevantes para as práticas identitárias e culturais do grupo. Ainda que a memória coletiva decorrente dessa instância se caracteriza por sua natureza a-espacial e sua ancoragem igualmente virtual, ou seja, mesmo que a memória coletiva produzida no âmbito da webdiáspora não se enquadre nos critérios espaciais definidos por Halbwachs e os desdobramentos subjetivos que lhes são associados, não se pode ignorar por completo sua função prática e instrumental na consolidação do sentimento de pertencimento ao grupo e na manutenção dos laços comunicativos transnacionais que animam o espírito comunitário das diásporas.

¹

Doutor, Professor Associado da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), hajjimoha@gmail.com

²

Mestre, Doutoranda na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), camilaescudero@uol.com.br

[1] Antes de se tornar um termo romântico que inspira poesia, literatura e artes em geral, o neologismo ‘nostalgia’ foi formado pelo médico Johannes Hofer (1669 - 1752) para designar e explicar ‘doenças’ associadas à depressão e alguns distúrbios fisiológicos como o tifo. ‘Nostalgia’ integrava a categoria genérica de ‘doenças contagiosas’ responsáveis por estados de demência assassina, suicídio e deserção do exército (CF. BREVIGLIERI, 2010).

[2] A tradução das citações em outras línguas são todas nossas.

[3] Resultados parciais dessa pesquisa podem ser conferidos no seguinte endereço: <http://diaspotics.org/>. Sites e páginas analisados para o presente artigo: Congregação Judaica no Brasil (<http://www.cjb.org.br>); Portugueses no Brasil (<http://portuguesesbrasil.com>); Casa das Áfricas (<http://www.casadasafricas.org.br>); Comunità Italiana (<http://www.comunitaitaliana.com/site>); Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos Instrução e Recreio (<http://www.sociedadehispano.com.br>); Sociedade Cultural Alemã de Joinville (<https://www.facebook.com/pages/Sociedade-Cultural-Alem%C3%A3-de-Joinville-SCAJ/220298504761403>); Bolívia Cultural (<http://www.boliviacultural.com.br>); Peruanos em Brasil (<http://www.peruanosenbrasil.com>); Argentinos em Brasil (<http://www.argentinosenbrasil.com.ar>); e Centro Cultural Coreano do Brasil (<http://brazil.korean-culture.org>).

BAREL, Y. “Le social et ses territoires”. In: AURIAC, F. ; BRUNET, R. (Orgs.) **Espaces, Jeux et Enjeux**. Paris: Fayard e Fondation Diderot, 1986.

BOURDIEU, Pierre. *Questions de Sociologie*. Paris: Éditions de minuit, 1984.

BREVIGLIERI, Marc. “De la cohésion de vie du migrant: déplacement migratoire et orientation existentielle”. **Revue européenne des migrations internationales**, 2010. Vol. 26. pp.57-76.

COGO, DENISE. *Cidadania comunicativa das migrações transnacionais: usos de mídias e mobilização social de latino-americanos*. In: COGO, Denise; ELHAJJI, Mohammed; HUERTAS, Amparo (Eds.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Balaterra: Instut de la Comunicació Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. Disponível em: http://oestrangeriodotorg.files.wordpress.com/2013/03/diaporas_migraciones_tic_identities1.pdf. Acesso em: junho, 2014.

DIMINESCU, Dana. “The concept”. Programme TIC Migrations, Fondation de la Maison des Sciences de l’Homme, 2012. Disponível em: <http://www.e-diasporas.fr>. Acesso: março 2014.

_____. “Présentation”. *Réseaux*, 2010/1, n°159, pp.9-13. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-reseaux-2010-1-page-9.htm>. Acesso: março de 2014.

ELHAJJI, M. “Memória das Comunidades Étnicas entre Tempo e Espaço”. In: ELHAJJI, M; CAIAFA, J. (Orgs.). **Comunicação e Sociabilidade: Cenários Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, v. 01, pp.169-181.

ELHAJJI, M. “La diaspora maghrébine à Montréal face aux aléas de l’interculturel: le rôle des médias locaux, transnationaux et communautaires”. *Revista Româna de Comunicare si Relatii Publice*. Bucareste: 2012, , v. 14, pp. 85-100.

_____. “Le Culte à la Culture: Évolution, Révolution et régression”. In: Fred Dervin. (Org.). **Le Concept de Culture: Comprendre et Maîtriser ses Détournements et Manipulations**. Paris: L’Harmattan, 2013a, v. 01, pp.19-46.

_____. De l’appartenance transnationale à la citoyenneté globale. In: NYAMSI, Jean-Crépin Soter. (Org.). **L’Afrique et son développement: Réalités complexes et nouveaux enjeux, dans un monde en transformation**. Paris: L’Harmattan, 2013b. pp.133-149.

GLOSSÁRIO sobre migração. Genebra: Editora Organização Internacional para as

Migrações, 2009. Disponível em:

http://www.acidi.gov.pt/_cfn/4eaa92f8ba8ec/live/Gloss%C3%A1rio+sobre+Migra%C3%A7%C3%A3o.

Acesso em julho 2013.

GUATTARI, FÉLIX. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992

GUÉRIOS, Paulo Renato. “As condições sociais de produção das lembranças entre imigrantes ucranianos”. *Mana*. Vol.14, n.2. Rio de Janeiro: 2008. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000200004. Acesso: fevereiro, 2014.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HALL, Stuart. **A questão multicultural**. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora**: identidades e medições culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEFEVBRE, Henri. **La Production de l’Espace**. Paris: Anthropos, 1974.

MATTELART, Tristan. “Les diasporas à l’heure des technologies de l’information et de la communication: petit état des savoirs”. In: MATTELART, Tristan (org.). **TIC & DIASPORAS**. *Revista Tic & Société*. Vol. 3, nº 1-2, 2009. Disponível em: <http://ticetsociete.revues.org/587>. Acesso: janeiro, 2014.

MONNIER, Angeliki Koukoutsaki. “Universalismes virtuels de la diaspora Grecque”. In: COGO, Denise; ELHAJJI, Mohammed; HUERTAS, Amparo (Eds.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Balaterra: Instut de la Comunicació Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. Disponível em:

http://oestrangero.org.files.wordpress.com/2013/03/diaporas_migraciones_tic_idtidades1.pdf.
Acesso: janeiro, 2014.

RAPHAËL, Lutz. “La théorie du champ social et le fait migratoire”. In: ASSOCIATION DES AMIS D’ABDELMALEK SAYAD (Org.). *Actualité de la pensée d’Abdelmaleck Sayad*. Maroc: Le Fenec, 2010.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l’histoire, l’oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

SAYAD, Abdelmalek. “Le retour, élément constitutif de la condition de l’immigré”. *Migrations société*, vol. X, n° 57, 1998a. pp. 9-45.

_____. **A imigração**. São Paulo: Edusp, 1998b

SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. “Transnationalism – A new analytic framework for understanding migration”. In: *Annals New York Academy of Science*, vol. 645, p.1-24. New York: 1992. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1749-6632.1992.tb33484.x/abstract>. Acesso: março 2013.

SCOPISSI, Claire. “Les sites web diasporiques : un nouveau genre médiatique? ” In: MATTELART, Tristan (org.). *TIC & DIASPORAS. Revista Tic & Société*. Vol. 3, n° 1-2, 2009. Disponível em: <http://ticetsociete.revues.org/587>. Acesso: janeiro, 2014.

VERTOVEC, Steven. *Conceiving and Researching Transnationalism. Ethnic and Racial Studies*, University of Oxford, Vol. 22, n. 2, 1999. pp.1-14.

VIRILIO, Paul. **Vitesse e Politique**. Paris: Galilée, 1977.